

Técnicos estrangeiros: Tradição e Sucesso

Na história do Tricolor, o colombiano Juan Carlos Osorio é o 13º técnico estrangeiro a comandar o time são-paulino

Por Michael Serra

No princípio...

Pouca gente sabe, mas, na verdade, o primeiro treinador do São Paulo, no entendimento que temos hoje da função, foi justamente um estrangeiro: o uruguaio Ramón Platero, em 1930. Antes dele, os diretores esportivos acumulavam também a função de “diretor técnico” no banco de reservas. Platero, que fora campeão sul-americano pela seleção de seu país, em 1917, fez carreira no Brasil treinando, basicamente, equipes cariocas (as quatro grandes). No Tricolor, o uruguaio esteve no comando em duas passagens. Na primeira, em 1930, alcançou o vice-campeonato paulista naquela temporada e solidificou a base campeã paulista no ano seguinte. Na segunda passagem dele, em 1940, não obteve resultados significativos.



O aparente insucesso de Ramón Platero não desanimou os dirigentes tricolores no que se refere a sangue e mentalidade estrangeira no comando do time. Ao contrário, muito do que o São Paulo é hoje se deve a manutenção dessa ideologia em um período o qual o futebol brasileiro ainda evoluía, sem grandes conquistas internacionais. Pouco após Platero deixar o time, outro uruguaio assumiu o cargo: Conrado Ross, entre 1942 e 1943. Com ele, o Tricolor bateu na trave novamente, vice-campeão paulista (1942). Nem isso foi suficiente para encerrar essas apostas. A certa veio com Joreca, em 1943.

Joreca, apelido de Jorge Gomes de Lima, era português de nascimento, mas radicado ainda jovem no Brasil. Formou-se em Educação Física e também fora árbitro (apitou o jogo de estreia de Leônidas no São Paulo, em 1942). Após uma passagem como treinador da seleção paulista amadora, Décio Pacheco Pedroso o convidou para ser técnico do Tricolor. Junto a Leônidas e Sastre, transformou o clube em um dos grandes do Brasil. Com ele, os são-paulinos foram campeões estaduais em 1943, 1945 e 1946, este último, invictos. Assim, Joreca é o técnico mais vezes campeão paulista na história do São Paulo.





Fincando bandeira

Após a saída de Joreca (e a perda do título de 1947), o famoso Vicente Feola levou o Tricolor às conquistas de 1948 e 1949. O Tricampeonato consecutivo esteve perto, mas o Palmeiras, então comandado pelo argentino Jim Lopes, venceu aquele campeonato (que teve uma decisão controversa, digna de um outro artigo). A chance de Lopes “corrigir a história” veio em 1953, após uma passagem também bem-sucedida pela Portuguesa. Com um elenco cheio de estrelas (De Sordi, Mauro, Bauer, Maurinho, Gino, Teixeira...) e também com alguns estrangeiros de destaque (tais como Poy, Albella e Negri), Jim Lopes foi campeão paulista de 1953.

O Tricolor não parou por aí em sua relação com comandantes estrangeiros. Em 1957, o húngaro Béla Guttmann também venceu o Campeonato Paulista chefiando o time. Mas, muito mais do que isso, Béla revolucionou o clube, o Brasil e o futebol, de modo geral.

Extremamente vitorioso e campeão em quase todos os lugares por onde passou, o técnico húngaro revolucionou o futebol mundial ao pôr em prática um novo sistema tático de jogo – o 4-2-4, não se esquecendo, contudo, de novas atividades e rotinas técnicas. Os métodos de treinamento do treinador no princípio até causaram muita estranheza e reações contrárias por parte dos jogadores. Entre tais procedimentos estavam treinamentos com múltiplas bolas em campo, treinos de precisão de chute a gol com as traves divididas por setores (e pontos) e muitos outros. Passada a

desconfiança inicial, e com o pulso firme de dirigentes e da figura experiente e de voz ativa em campo de Zizinho, Guttmann entrou para a história do Tricolor e deixou como principal fruto de trabalho o conhecimento técnico e tático passado a Vicente Feola, que, em 1958, comandaria a Seleção Brasileira na conquista do primeiro título mundial, na Suécia.

Tradição

Até a conclusão do Morumbi, em 1970, todos os títulos oficiais do clube tiveram participação direta ou significativa de técnicos estrangeiros (a base da conquista de Rubens Salles, em 1931, era de Ramón Platero, e o bi de Vicente Feola, em 1948/49, muito se deveu também à estrutura montada por Joreca).

Nas conquistas dos Campeonatos Paulistas de 1970 e 1971, os estrangeiros ficaram apenas dentro de campo, mas em 1975 o argentino Jose Poy assumiu o comando técnico do Tricolor para levá-lo a mais um título estadual. Poy, que se consagrara como goleiro são-paulino nas duas décadas anteriores e também ajudara a construir o Estádio do Morumbi vendendo, ele mesmo, cadeiras cativas de porta em porta, havia adotado um estilo de jogo mais defensivo, mas nem por isso menos efetivo: foi com o argentino que o São Paulo alcançou o maior número de jogos invictos em toda a história — 47 partidas (36 vitórias e 11 empates), entre 1974 e 1975.





Jose Poy foi o último treinador estrangeiro campeão pelo Tricolor, mas não o último bem-sucedido. Após Oswaldo Oliveira deixar o controle do time, em abril de 2003, o preparador de goleiros e também ex-goleiro Roberto Rojas, chileno, assumiu o comando do elenco, junto do auxiliar Milton Cruz. O 3º lugar obtido no Campeonato Brasileiro daquele ano levou o clube de volta à Copa Libertadores da América, em 2004, após dez anos de ausência.

Rojas foi o último estrangeiro no comando do clube. Em 2015, o Tricolor aposta novamente na tradição e na ideologia de renovação e transformação produtiva que uma visão diferente das táticas e técnicas do esporte pode trazer. Bem-vindo, Juan Carlos Osorio!